

Exemplo começa no governo

Reflexo direto da recessão, a ciranda da inadimplência envolve o governo federal, passa pelos estados e municípios, ganha velocidade nas empresas estatais, generaliza-se no setor privado e fecha o círculo quando a política econômica compromete gravemente o orçamento doméstico, sempre com o arrocho salarial e os processos demissionários correndo por fora. Segundo o advogado e professor em Direito Comercial pela PUC, Luiz Felizardo Barroso, o governo federal é "caloteiro" quando assina carta de intenções com o FMI "mesmo sabendo que não vai cumprir nada".

Alvaro Mendonça, presidente da Caixa Econômica Federal, revela, por sua vez, que a dívida vencida de estados e municípios, oriunda de empréstimos obtidos com recursos do FGTS, atinge os Cr\$ 800 bilhões. Enquanto isso, a inadimplência no pagamento de prestações da casa própria é de 5%. Mendonça tenta minimizar a situação, mas lembra que têm sido "dispensados esforços notáveis" para regularizar a situação.

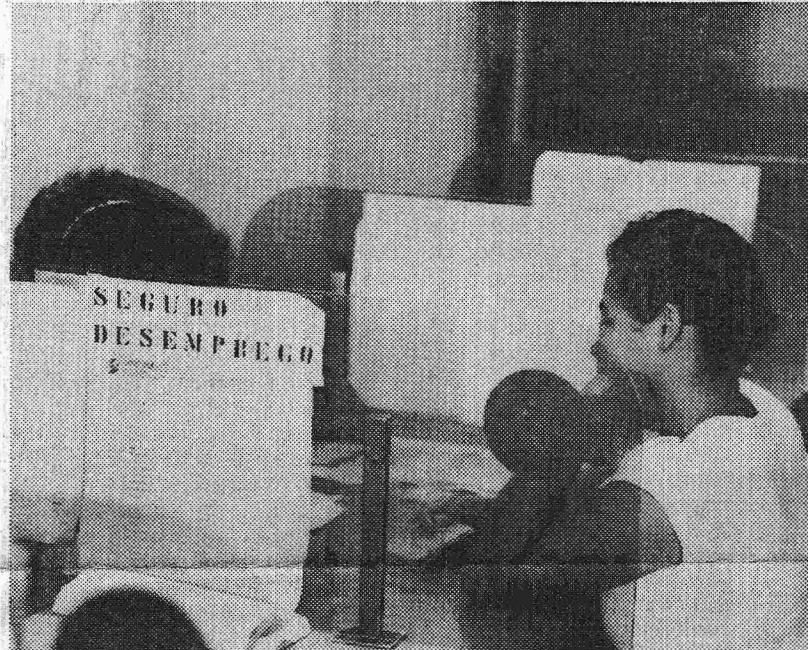
As indústrias da construção pesada cobram da Eletrobrás obras realizadas no governo passado, que por sua vez é rigorosa quanto a atrasos no pagamento de energia. No Rio de Janeiro, a Light informa que durante outubro o nível de inadimplência chegou aos 13,5%. Ou seja, 350.614 unidades beneficiárias em débito. No mesmo mês, a Cedae registrou inadimplência de 15,41% sobre a arrecadação mensal. O que significa que Cr\$ 2,7 bilhões deixaram de entrar nos seus cofres.

Saúde — Até a classe média está olhando a saúde como questão secundária. Armando de Almeida, presidente da Associação Brasileira de Medicina de Grupo, revela que a média histórica de inadimplência do setor, em torno dos

5%, saltou em outubro e novembro para 18%. O que significa que 540 mil planos individuais (pessoa física) estão inabilitados para atendimentos de emergência.

No segmento dos planos de pessoa jurídica (empresas beneficiando empregados), a falta de pagamento das mensalidades saltou em igual período de 1% para 7% — 840 empregadores inadimplentes. A Golden Cross, que não é associada da entidade, também enfrenta problemas semelhantes. Conforme a direção, nos últimos três meses a falta de pagamento atingiu 19% na área dos planos pessoas físicas (285 mil). A crise não poupa sequer as empresas de seguridade e capitalização. Henrique Brandão, presidente do Sindicato dos Corretores de Seguros, observa que o índice de atraso saltou de 3,9% para 8% depois do Plano Collor.

Aluguel — A Associação Brasileira das Administradoras de Imóveis (Abadi) também entrou na ciranda: de um total de 1,5 milhão de imóveis alugados no Rio de Janeiro, 75 mil estão em inadimplência. A situação aparenta maior gravidade quando o Serviço de Proteção ao Inquilinato informa que nos últimos quatro meses tem catalogado em seu banco de dados 300 ações de despejo por dia. John de Carle Gotteiner, presidente do Serviço de Segurança ao Crédito Industrial, alerta que entre janeiro e novembro deste ano aumentou 59,3% o número de protestos de pessoas jurídicas, se comparado ao mesmo período em 1990. Enquanto o número de falências decretadas em outubro foi de 1.100, em novembro foram acrescentadas mais 100. Sivio Cunha, presidente do Clube dos Dirigentes Lojistas, diz que as inclusões na lista do SPC cresceram de janeiro a outubro 39,7%, se comparados com igual período em 1990.



□ Depois de três anos trabalhando como costureira na confecção do Armazém das Fábricas, Sonia Ferreira da Silva, 33 anos, foi demitida no dia 12 de novembro último. "Embarquei no navio que carregou mais 35 companheiros. As encomendas caíram, começou a faltar trabalho e, como dizem os antigos, a corda que sempre arrebenta para o lado mais fraco não me deixou passar em branco", comentou resignada. Em busca do seguro-desemprego, ela enfrentou horas de fila em frente ao Ministério do Trabalho, no Centro do Rio de Janeiro.

neiro. "Esse dinheiro vai ajudar nas despesas", disse a desempregada, casada, mãe de um casal de filhos, ainda menores. No Armazém das Fábricas, a costureira recebia mensalmente Cr\$ 68 mil. Desapontada com a situação, só entusiasmou-se quando lembrou que ganhara mais uma nova oportunidade para passar mais horas junto às suas crianças, o que compensaria "qualquer" salário. "Meu marido é mecânico e está dando a maior força, só espero que a fata de dinheiro do povo não piore os serviços dele", acrescentou.